

p.7

A Universidade Pan-Amazônica

Aluízio Bezerra

Muito se fala em soberania da Amazônia brasileira, em um modelo de desenvolvimento para essa nossa região. A respeito, quero chamar a atenção para um ponto que é crucial quando se discute o melhor futuro, ecológico e soberano para a Amazônia: a necessidade de que todo plano, programa de desenvolvimento, de preservação ou defesa da integridade territorial seja o mais bem fundamentado possível, o mais profundo em termos do conhecimento da vocação, das potencialidades da região; dos seus alcances, limites, riscos e singularidades.

Sem conhecimento de causa da região, das peculiaridades e potencialidades amazônicas, toda tentativa de desenvolvimento corre o risco não só de fracassar mas de violentar, às vezes irreversivelmente, o ambiente vegetal e humano da Amazônia. Foi com essa preocupação que tomamos a iniciativa de propor ao Parlamento Amazônico a Universidade Pan-amazônica.

Essa é a idéia básica da Unipam: um instrumento que promova, centre e catalise o conhecimento científico, social, para que ele seja a baliza, o elemento-guia, sinalizador, de todo projeto de desenvolvimento auto-sustentado naquela região. E isso em nível de bacia, incluindo os demais países amazônicos.

A Unipam, tal como foi concebida, não substitui as importantes e tradicionais instituições de pesquisa e estudo da realidade amazônica, como o Inpa, o Inpe, o Museu Goeldi, as várias universidades brasileiras; isso seria impossível em se tratando de entidades estruturais e avançadas nesse terreno. A função da Unipam é tornar-se uma referência, em nível dos países amazônicos, na captação e disseminação de todos os progressos no estudo objetivo da realidade que nos é comum.

E se considerarmos que a Amazônia é o maior banco de germoplasma, detém o maior estoque genético do planeta, nada mais urgente que seu conhecimento, e conhecimento a favor dos nossos povos. Há quem considere que, além dos minérios, a verdadeira riqueza da selva é esta, é sua

diversidade genética, com milhões de espécies vegetais e animais, a imensa maioria ainda não estudada, ainda por ser estudada, conhecida. E sua composição química, seu genoma, suas qualidades e propriedades são preciosíssimos, podem ter funções quase milagrosas para a saúde e a vida humana. Ali estão 60 a 80 por cento das espécies vivas da terra. Sua maior diversidade genética. O papel de uma estrutura de pesquisa que ao mesmo tempo seja um instrumento de desenvolvimento voltado para a região, está claro, então, que é estupendo, é essencial. Acreditamos que é nesse sentido que se deve desenvolver a Unipam.

E também a própria abordagem do desenvolvimento. A multinacional Merck, por exemplo, já está pesquisando para fabricar um colírio para a dramática doença que é o glaucoma, a partir de uma planta, o jaborandi, retirada da selva do Pará. A baunilha, o curare, estão produzindo divisas no "Primeiro Mundo" e foram, tirados daí. A jararaca, cobra venenosa que está muito presente na Amazônia, já tem seu veneno transformado por multinacional em importante medicamento anti-hipertensivo. São exemplos rápidos não somente do potencial tecnológico brasileiro, amazônico, mas também exemplos de que a abordagem de desenvolvimento tem que ser mudada.

Temos que ter direitos sobre essa tecnologia. O royalty é nosso. A aplicação de royalty sobre o uso dessa tecnologia tem sido tese defendida por nós junto ao Parlamento Amazônico, junto à opinião pública brasileira. É preciso lembrar desse problema quando se falar de Amazônia. Senão nossa floresta, nossos vegetais viram "patrimônio universal" do grande capital, ao passo que o contrário nunca foi verdade, ou seja, sua tecnologia é monopolizada por eles, não é "patrimônio universal" nosso. E via de mão única: onde a Amazônia sai perdendo. É isso que tem que parar. Foi neste sentido que tomamos a iniciativa de propor ao Parlamento Amazônico a criação do Fundo Amazônico para o Desenvolvimento, baseado na cobrança de royalties sobre as essências

vegetais da Amazônia, cujos lucros e cujo usufruto terminam monopolizados pelo "Primeiro Mundo".

A Unipam tem que ser um instrumento de pesquisa a favor da Amazônia. E não só isso. Pode ampliar enormemente o desvendamento de quais as verdadeiras vocações produtivas da Amazônia. Cuidadosamente, com urgência, estudando, por exemplo, a possibilidade do cultivo racional e em escala de madeiras como o mogno, o cedro, o pau-rosa (este sendo praticamente o melhor fixador de perfumes que se conhece), madeiras estas que estão sendo devastadas a galope, seletivamente, justamente pelo seu enorme valor comercial. Quais as bases científicas, ambientais, de um projeto nesse sentido, do cultivo ecologicamente sustentado de madeiras como essas? De plantas medicinais, aromáticas? O potencial é enorme, todos sabem disso. A UFMG, por exemplo, está no momento estudando mais de dez plantas da Amazônia que possuem bons princípios anticoncepcionais, como o ingá-cipó, que possui um importante anticoncepcional em sua composição.

A partir de conhecimentos inclusivos alguns já acumulados, já existentes, que a Unipam pode concentrar, tornar disponíveis, deve-se formular projetos racionais de mineração, de aproveitamento do ouro, de madeiras, de produção ecológica de alimentos adaptados às peculiaridades climáticas e de demanda e consumo regional. Projetos de produção de combustíveis alternativos, de sistemas de saneamento ambiental alternativos ou de baixo custo, adaptados ao clima. Assim como programas de combate à febre negra, à malária, à cólera, às doenças de massa.

Somos a favor de um "modelo" de desenvolvimento que priorize o homem da floresta e suas crianças, e que transforme o conhecimento sobre a Amazônia (em todas as suas dimensões) numa ferramenta de progresso socialmente integrado. Este é o desafio. É a concepção com a qual nasce a Unipam.